

## Finalmente

Após mais de uma década de espera e insistência, a luz chegou ao fim do túnel. Quarenta e cinco anos de luz na vida é muito fotão! E que vejo eu? O objecto dissipa-se. Os alquímicos diriam (ou dizem?) que a obra é o resíduo. Mas o resto já não constitui o objecto. Isso mesmo: a matéria transmutou-se. Será ouro? Eis a pedra filosofal. Quarenta e cinco anos em mutação contínua haveriam de dar resultado. Eu aqueci o cadinho durante 31 anos, desde as primeiras chamas, animadas por um prémio da cerveja Cuca, no artigo «A Dinâmica dos Valores Absolutos na Produção de Energia Eléctrica em Angola» (*Electricidade* nº 64, Março-Abril de 1970). Até que entrei no próprio processo de aquecimento.

Não cheguei a volatizar-me, porque a transmutação me fez virtual. Agora, aqui estou, onde já não estou. Tal como o gato de Schrödinger, fechado na gaiola quântica que o mata ao mesmo tempo que lhe dá vida livre. Uma duplicidade real explicada pela "sobreposição de estados", em que ambas as possibilidades ocorrem simultaneamente conforme se queira. Mas atenção: de acordo com a teoria quântica ortodoxa, essa sobreposição só existe até alguém observar o que acontece dentro da gaiola, mesmo numa observação indirecta, pois um único fotão actual como observador, cuja informação faz colapsar a sobreposição num fenómeno de "descoerência" (como os físicos designam essa fuga de informação). Porém, enquanto não houver descoerência a sobreposição de estados mantém-me vivo e morto e nem vivo nem morto, indefinidamente. A sobreposição quântica cria incerteza na energia do todo, levando Penrose a afirmar que «não se pode ter uma noção consistente do que é energia». E compreende-se porque entrei na virtualidade: sou e não sou.

Por isso digo o que não digo. Só que dizer sem dizer custa muito. Pelo menos à escala humana. Percebe-se à dimensão quântica, mas entre os humanos – será que serei bem interpretado? O que me leva a explicar a significância da inteligência humana. E acrescento que remeti o editorial já escrito para uma reflexão de terminologia no miolo desta edição, pois outra notícia colheu-me de surpresa e achei por bem reservar esta página à explicação do que se passa: a Assembleia Geral da Empresa Editorial

Electrotécnica Edel Lda aprovou a suspensão da publicação da revista *Electricidade*, até que um estudo editorial actual mostre a viabilidade de uma nova formatação de infraestrutura de suporte, a fim de se produzir uma "nova revista". Mas honrando todos os compromissos entretanto assumidos. Que bem poucos são – embora de elevado valor humano para quem administra os nossos relacionamentos.

De facto, como Director, desde há muitos anos que senti a necessidade de renovar este projecto editorial. Fiz inúmeras propostas, certamente em locais errados, enquanto admitia a responsabilidade da manutenção, à medida que a infraestrutura editorial se desgastava, até que a química substituísse a alquimia: desde editor (que continuei a assumir depois do Director eng. Ferreira do Amaral se ter aposentado), revisor (após a reforma da Natália), paginador (quando a Manuela abalou para outras tecnologias), angariador (logo que o tempo incapacitou a Noémia), carregador (depois do velho António ter passado a recobrar as últimas forças no álcool), limpador (em consequência do cansaço na idade da Adelaide), escrevinhador (porque os jovens engenheiros deixaram de escrever em português), eu sei lá que mais! Todos os anos alinhabei um par de frases (sabendo da sua ineficácia) dirigidas aos sócios da Edel, cada vez mais escassos nas decisões anuais (por renovação das administrações animadas de novos objectivos): que fizessem publicidade nestas páginas. Com resultado angustiante.

É justo assinalar a presença constante da EDP. Igualmente solidária, sempre se apresentou a empresa J. Bruno Janz, até Janeiro do corrente ano, quando a sua remodelação empresarial levou a suspender o apoio até uma decisão definitiva acerca do sector industrial mais apropriado ao público alvo da revista. Ainda se conta o reconfortante interesse do Metropolitano de Lisboa como grande consumidor de energia eléctrica. Eis o que essencialmente resta do projecto inicial desta iniciativa editorial.

Na realidade, o sistema eléctrico nacional, consequente da recente liberalização do sector económico, dispõe hoje de uma estrutura completamente distinta. Para além do Grupo EDP, observam-se empresas com funções diferenciadas e autónomas, como a REN - Rede Eléctrica Nacional ou a ERSE - Entidade Regula-

dora do Sector Eléctrico, entre inúmeras empresas produtoras de hidroelectricidade ou de conversão eólica para a rede eléctrica, por exemplo. Este é outro País real. E será para ele que se devem criar as melhores virtualidades editoriais, pelas novas tecnologias, tendo em vista os jovens leitores (engenheiros electrotécnicos recém-formados) e o legado histórico que nos incumbe preservar no exercício da actividade profissional.

Portanto, será lógico que se proceda a uma remodelação do itinerário. Com o número 393 chegamos ao fim do presente ciclo. Tem sido meu propósito estratégico chegar aos 50 anos de publicação. Se, para isso, for preciso fazer uma pausa de reflexão – que se faça apesar dos mefícios institucionais com o mundo exterior. Podem contar comigo para melhorar este projecto científico e tecnológico, se for útil, pois um modelo editorial diferente (quanto ao conteúdo) não se enquadra no meu projecto de vida como engenheiro electrotécnico no século XXI. Mas só em conjunto com novos protagonistas interessados.

Ao fim das longas décadas de publicação bibliográfica, em língua portuguesa, são muitos os agradecimentos que ficam devidos. Ao pessoal da Redacção, simbolizado pela única sobrevivente Eugénia, até aos inúmeros Autores, engenheiros de sucessivas gerações, e Assinantes persistentes, alguns colecionadores desde o número um. Deve-se muito à dedicação dos compositores e impressores gráficos, que tantos foram na evolução tecnológica e se representam actualmente pela Rute e no Parreira. No fundo, reconheço as valiosas contribuições dos sucessivos Gerentes no exercício formal das nossas obrigações. Sem esquecer as Empresas que deram vitalidade à actividade, nem os Leitores que nos incentivaram a prosseguir.

E porque deveres nos são exigidos, o presente número da revista *Electricidade* contém os artigos que tínhamos prometido publicar aos respectivos autores, inclui as resenhas dos livros em carteira e adiciona algumas páginas de natureza histórica, coligidas dos arquivos de outros tempos e que não se quer perdidos nos corredores do esquecimento. Com mais páginas, como prometi na edição anterior para os bimestrais de 2002.

Até sempre. Em breve. Dizem-me: em Outubro. 

